

POPULAÇÃO DETERMINADA A RECHAÇAR BANDIDOS

15/10/83

Chegaram à noite, cerca das 20 horas. Era um grupo numeroso. Atritando para todos os lados e ao som de gritos selvagens, dirigiram-se à residência do Primeiro Secretário da Localidade. Assassinarão-no à queima-roupa. Depois, procuraram o Secretário do Comité Distrital para a Organização do Partido. Assassinarão-no. Um trabalhador da sede do Comité Central encontrava-se lá. Assassinarão-no. Estava lá o director-adjunto da Comissão Distrital das Aldeias Comuns. Assassinarão-no. Mataram a sangue-frio outros civis, elementos da população que não conseguiram fugir a tempo. Não ficaram satisfeitos. Avançaram mais para norte, em direcção à sede da Localidade. Queimaram o Posto Sanitário, a Maternidade, a residência do Administrador e a Secretaria. Desviaram um pouco mais para a esquerda. Foram à serração da MADEMO. Queimaram viaturas, mataram milicianos. Foram à casa do director da serração. Ele, não estava, mas mataram a sua noiva. Em seguida, desapareceram para o mato.

Tudo isto aconteceu em Macuácuva, Distrito de Manjacaze, Província de Gaza, na noite de 16 para 17 de Maio do ano passado. Assinaram estes actos de terrorismo: bandidos armados.

— Andam em grupos, mas a maioria fica no mato e são poucos os que entram na aldeia. Andam armados e disparam para todos os lados. Andam a matar pessoas, particularmente responsáveis, deputados, membros do Partido e da Organização Demo-

cráticas de apoio. É por isso que neste momento está a morrer gente em consequência da fome. Esperamos a campanha da castanha. Existe também o problema da seca mas o que agravou muito a situação foi a acção dos bandidos armados. Porque, embora haja

Entre os bandidos que entrevistamos em Chibuto, estava um de nome Fernando, 20 anos, que diz ter morto a sangue-frio, a punhalada, quatro inocentes mulheres que iam a passar por uma picada. Diz que esteve com os bandidos apenas quatro meses, depois de terem raptado na zona de Makezi. Entrando frequentemente em contradições nas suas declarações, Fernando conta que treinou dez dias. Fazíamos preparação física, corrimos, saltávamos, mas não me ensinaram a disparar uma arma. Entregaram-me só arma sem dizerem como trabalhar.

A história deste bandido, que foi capturado pelas milícias populares a que, mesmo assim, conseguiu evadir-se por mais de uma vez, é tão macabra como complexa. Notámos, enquanto falávamos com ele, que tinha preparado um discurso «bonito» para ludir as autoridades quando fosse interrogado. Só que, apertado pelas nossas perguntas, acabou por revelar alguns dos actos criminosos que ele praticou.

Eis um extracto da conversa que com ele tivemos:

PERGUNTA — Enquanto você esteve com os bandidos armados, quantas aldeias queimaram?

RESPOSTA — Foram nove aldeias de mineiros.

P — E aldeias?

R — Foram muitas. Já não sei dizer quantas.

P — Você quantas pessoas matou?

R — Eu matei quatro.

P — Como é que você matou essas pessoas, se você não sabe disparar uma arma?

R — As pessoas que foram mortas, não o foram por mim. Foram os bandidos. O meu trabalho era apenas carregar esacudues.



Exposição de material de guerra e artigos que os bandidos roubaram à população, capturados pelas FPLM

cráticas de Massas, milícias — é Atália: uma camponesa de Macuácuva, quem nos diz isto. Ela acrescenta: Entraram na minha casa Roubaram-me cobertores, roupa e louça.

Atália encontra-se agora na sede da Localidade de Macuácuva. Ela veio de Mangonde, onde vivia em paz com seus familiares e outros camponeses, até ao dia em que os bandidos armados por ali passaram e semearam a morte e destruição. Assim, como muitos outros camponeses da sua zona, teve que procurar abrigo na sede da Localidade, onde está protegida pelas FAM e pelas milícias populares. Teve que abandonar todos os seus haveres na sua terra e hoje vive das condições que o Partido, o Governo e organismos internacionais como a Cruz Vermelha Internacional criam para a normalização da vida das populações.

— Organizámos a população e enquadrámos-na na aldeia comunal. A nossa aldeia comunal tem três bairros. Criámos comissões de trabalho para construção, porque muitas pessoas evacuadas do mato vieram aqui outras são mulheres cujos maridos, estão na África do Sul, outras perderam os maridos porque os bandidos mataram ou raptaram. Não têm quem lhes possa construir uma cabana. Temos uma comissão que anda a criar canções e outras comissões que organizam outro material. Primeiramente, construímos cabanas. A população que está aqui, vem de muito longe e é difícil ou mesmo impossível ir lá buscar material — Sarmento Guco, Administrador da Localidade de Macuácuva. Ele explica que quanto ao abastecimento, temos tudo o sempre apoio por parte do Distrito, que fornece gêneros sempre que haja. Ultimamente tem havido falta de certos produtos. Mas isso acontece em todo o lado.

As cantinas da Localidade Sede de Macuácuva, estiveram longos meses encerradas. Foram reabertas em Janeiro e Maio, e, no dia em que cheámos a Macuácuva, lá algumas serenas, a terceira cantina estava a ser reaberta, apenas com milho para distribuir.

Devido à acção dos bandidos enxada pela seca, as populações não têm produtos para troca. Daí, que os gêneros alimentícios estejam a ser distribuídos gratuitamente. Não dia em que visitámos Macuácuva, estava a ser distribuído leite.

Quando os bandidos armados, aqui entraram, andaram a tirar tudo o que a população tinha, desde alimentação, bens, tudo. Neste momento a população só conta com os pro-

seca, em algumas zonas como Chilitanhans e Mangonde, havia mandioca e no ano passado, também colheram milho e amendoim mas que não foram aproveitados porque os bandidos armados andavam a roubar e a população já estava aqui concentrada — diz ainda Sarmento Guco

QUEM SÃO OS BANDIDOS?
Mas quem são esses bandidos armados?

Em Chibuto falámos com alguns, capturados pelas nossas forças de defesa, com o apoio directo e activo das populações. Todos os dias chegam a Chibuto bandidos armados



Distribuição de leite pela população que se refugiou na Localidade Sede de Macuácuva

capturados ou que se entregaram. Sarmento Guco explica que neste momento, como eles estão a ser muito perseguidos, dividiram-se em pequenos grupos de cinco, seis, sete, quando muito dez ou doze. São esses que conseguem minar as vias. Por exemplo, lá nas residências onde a população vivia, já que toda a população está aqui concentrada e as palhotas ficaram lá, eles aproveitaram esconder-se nessas palhotas abandonadas e aproveitam as noites para andarem a fazer as suas acções.

P — Mas você acaba de afirmar que matou quatro pessoas...

R — Bem, os que eu matei...? Eu matei quatro.

P — Como?

R — A arma com que matei? Disseram-me que se eu não as matasse matavam-me a mim e...

P — Mas como é que matou essas quatro pessoas?

R — Matei-as com punhal.

P — Estavam convosco na base?

R — Não, iam a passar no caminho. Era quatro mulheres.

SUJOS E ANDRAJOSOS

Todos os bandidos armados capturados e que se encontram presos em Chibuto são uns andrajosos, sujos e drogados como só um bandido o pode ser. Alguns são bandidos conscientes das suas acções e que procuram contar uma história embelezada para atenuar os seus crimes. A grande maioria, porém, são jovens raptados pelos bandidos nas aldeias por onde passam, a quem submetem a um curto treino militar e integram nos grupelhos que semeiam o terror, a morte e a destruição entre as populações. A primeira oportunidade que se lhes depara, esses jovens desertam das fileiras do inimigo mas, muitas vezes, têm medo de se apresentar às nossas forças, até que um dia são descobertos pela população e denunciados ou são presos pelas milícias populares por não possuírem documentos.

É o caso de José Cossa Júnior, um jovem de 17 anos, que foi raptado pelos bandidos em Magude e obrigado a fazer parte dos bandidos. Este jovem era estudante em Xai-Xai, onde vivia com seus pais. Andava na terceira classe. Certo dia, porém, os seus pais tiveram uma briga e separaram-se, indo a mãe para a sua terra natal, em Magude. José Cossa Júnior, seguiu a mãe e, já em sua casa, foi raptado pelos bandidos, quando se encontrava sozinho. Os bandidos levaram também produtos e roupa que havia na casa.

Este jovem foi depois mandado para uma base dos bandidos armados na região de Mapunguene, onde o submeteram a um intenso treino militar de três meses. Participou em três acções dos bandidos, queimando aldeias, cantinas, carros e roubando gado e outros bens das populações. Ele diz ter pessoalmente queimado 5 palhotas de pacatos camponeses. Quando lhe perguntámos por que lutava, disse simplesmente que ninguém lhe disse. Só lhe mandaram pegar na arma a andar com os grupos que aterrorizavam as populações. O seu grupo, segundo ele, nunca teve nenhum combate com as nossas forças. Quando viamos a tropa da Frente Secundário-nos, diz.

O jovem José Cossa Júnior, fugiu dos bandidos armados este mês, ou seja, um mês apenas depois de ter terminado a «preparação militar». Ele foi raptado pelos bandidos armados em Maio deste ano. Quisemos saber dele, como é que foi capturado pelas

nossas forças de defesa, ao que respondeu: Foi este mês, lá para casa. Eu tinha fugido da base de Mapunguene. Não quis voltar para Magude porque tinha medo que eles me perseguissem. Eu vinha para a casa e meu pai, em Xai-Xai. Eu ia à casa e os milícias chamaram-me. Revisaram-me pelos documentos e eu mostrei. Depois disseram que eu era bandido armado. Eu expliquei que tinha sido raptado, mas conseguí fugir. Então prenderam-me e trouxeram-me para o quartel.